

É DO MAR QUE SE AVISTA A CIDADE: AS IMPLICAÇÕES SOCIAIS DO USO DOS BANHOS DE MAR NA CONSTRUÇÃO DO "NOVO" RECIFE

Bianca Cruz dos Anjos¹

Resumo: A articulação entre médicos e Estado, vigente no século XIX, propiciou os cuidados com a saúde e higiene pública, bem como a preocupação de "embelezar" e "civilizar" as cidades. Alinhados a esse quadro social, os avanços da medicina permitiram a descoberta sobre o uso dos banhos de mar no combate a diversos males. Esse recurso terapêutico é amplamente difundido na Europa, chegando até o Brasil e as principais metrópoles do país, como Recife. As transformações ocorridas nessa época envolviam uma noção de dualidade, isto é, o confronto entre o "velho" e "novo", as visões sobre si e sobre os outros através do ritmo acelerado do tempo e das modificações nos espaços de convivência. Apoiado nos livros e nos jornais, o trabalho pretende perscrutar a importância do uso dos banhos salgados para fins terapêuticos, ressaltando também que contato com o ambiente praieiro é relativamente curto na história da sociedade brasileira, sobretudo para a história do Recife, além de propor uma análise histórico-social da implantação do discurso higienista, advindos do processo de modernização, como fator atuante para a compreensão das relações e percepções sobre a praia e os banhos de mar.

Palavras-Chave: Banhos de mar; História da Saúde; Recife

IT IS FROM THE SEA THAT THE CITY IS SEEN: THE SOCIAL IMPLICATIONS OF THE USE OF SEA BATHING IN THE CONSTRUCTION OF THE "NEW" RECIFE

Abstract: The linkage between doctors and the State, in force in the 19th century, has brought about the care of public health and hygiene, as well as the concern of "beautifying" and "civilizing" the cities. Aligned with this social picture, the advances of medicine made it possible to discover the use of sea bathing in the fight against various evils. This therapeutic resource is widely disseminated in Europe, reaching Brazil and the country's main metropolises, such as Recife. The transformations that took place at that time involved a notion of duality, that is to say, the confrontation between the "old" and the "new", the visions about themselves and about the others

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Graduada em História pela Universidade Federal de Pernambuco. (<http://lattes.cnpq.br/8795757425587513>). E-mail: biancacruz16@hotmail.com

through the accelerated pace of time and the modifications in the areas of coexistence. Supported by books and newspapers, the work intends to scrutinize the importance of the use of salt baths for therapeutic purposes, also emphasizing that contact with the environment on the beach is relatively short in the history of Brazilian society, above all for the history of Recife, besides proposing a historical-social analysis of the implantation of hygienist discourse, coming from the modernization process, as an active factor for the understanding of relations and perceptions about the beach and sea bathing.

Keywords: Sea bathing; history of health; Recife

Considerações iniciais

Na cidade do Recife no século XVIII o uso dos banhos de rios eram indicados pelos médicos e pelo conhecimento popular como um recurso terapêutico e o uso dos banhos salgados eram tratados com desdém pelos discursos médicos, acreditavam que a poluição das praias e as propriedades químicas das águas marinhas poderiam prejudicar o organismo debilitado. O contato com essa literatura médica gerou os seguintes questionamentos: Os banhos de mar também eram utilizados como recurso terapêutico? Havia estudos médicos que se dedicavam às prescrições dos banhos de mar? Como os banhos de mar eram vistos pela população, políticos e intelectuais recifenses? Como os banhos de mar foram difundidos no Recife? Como os banhos de mar se tornaram uma atividade de lazer no Recife? A busca por essas respostas indicou um novo recorte temporal e espacial a ser estudado, a virada do século XIX para o século XX, durante esse período o Recife estava vivenciando o processo de modernização, que viabilizou o alargamento das ruas, instalação de uma rede de esgoto, reforma do Porto, preocupações com o saneamento e saúde pública, adoção de novos hábitos e descobertas médicas.

Esse recurso terapêutico é amplamente difundido na Europa, chegando até o Brasil e as principais metrópoles do país, como Recife, o uso dos banhos de rio como um recurso terapêutico indicado pelos médicos e pelo conhecimento popular durante o século XVIII, além disso, algumas prescrições médicas tratavam com desdém o uso dos banhos salgados, acreditavam que a poluição das praias e as propriedades químicas das águas marinhas poderiam prejudicar o organismo debilitado. O contato com essa literatura médica do século XVIII gerou os seguintes questionamentos: Os banhos de mar também eram utilizados como recurso terapêutico? Havia estudos médicos que se dedicavam às prescrições dos banhos de mar? Como os banhos de mar eram vistos pela população, políticos e intelectuais recifenses? Como os banhos de mar foram difundidos no Recife? Como os banhos de mar se tornaram uma atividade de lazer no Recife? A busca por essas respostas indicou um novo recorte temporal e espacial a ser estudado, a virada do século XIX para o século XX, durante esse período o Recife estava vivenciando o processo de modernização, que viabilizou o alargamento das ruas, instalação de uma rede de esgoto, reforma do Porto, preocupações com o saneamento e saúde pública, adoção de novos hábitos e descobertas médicas.

O recorte temporal tem como cenário social o processo de modernização vivenciado no Brasil, o Recife não ficou alheio a essas transformações, em meados do século XIX a cidade passa a contar com intervenções do Estado nas áreas de saúde, transporte e iluminação. O ideal de modernidade despertou a busca pela cidade higiênica e civilizada, com edificações que simbolizavam os avanços das ciências e os anseios da burguesia em ascensão.

Seguindo essa linha de pensamento, inicialmente, a pesquisa foi norteada por obras que abordam o processo de modernização e difusão do

higienismo no Recife, a construção social das praias, a origem dos banhos de mar na Europa e sua divulgação no Brasil e a criação de novos espaços de sociabilidade.

As matérias nos jornais demonstravam a articulação entre o discurso higienista e as indicações médicas dos banhos de mar. A historiadora Rita de Cássia Araújo na sua obra *As praias e os dias: história social das praias do Recife e de Olinda* (2007), afirma que o mar, gradualmente, tornava-se importante aos olhos da sociedade do século XIX, especificamente, à vista de parte dessa população, representada pelas classes dominantes.²

A análise histórico-social da implantação do discurso higienista nos permite compreender as relações e percepções sobre a praia e os banhos de mar. Esse contato com o ambiente praieiro é relativamente curto na história da sociedade brasileira, sobretudo para a história do Recife. Os novos usos da praia se deram em um período de pouco mais de um século, os primeiros contatos com as virtudes terapêuticas dos banhos de mar tornam-se evidente em meados do século XIX, seguindo as prescrições médicas, os banhistas deveriam seguir horários regulados para exposição do corpo ao sol e as águas marinhas. Precisamos salientar que, anteriormente às práticas dos banhos de mar, as temporadas convidativas nos arrabaldes para o uso banhos de rio, como terapia e diversão, marcaram o cotidiano da população recifense salgados.

A praia, nesse estudo, é vista como um espaço histórico e culturalmente construído, embora tenhamos conhecimento de suas características geomorfológicas e conceitos geográficos. A “domesticação” da praia e o conhecimento sobre as propriedades químicas dos sais minerais presentes na água do mar são comportamentos e conhecimentos vindos

²ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *As praias e os dias: história social das praias do Recife e de Olinda*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2007.

das sociedades europeias, refletidos e assimilados pelas classes dominantes, conforme os avanços áreas científicas, tecnológicas, políticas e culturais vivenciados em Pernambuco³.

Os trabalhos historiográficos que remontam o século XIX e XX apresentam escassas informações sobre o discurso e a percepção das classes populares sobre o uso dos banhos de mar, mas aqueles encontrados não visam aprofundar a discussão em torno do assunto. Mas permitem revelar que o uso dos banhos também representava a relação de poder existente entre as classes sociais.

O antropólogo baiano Thales Azevedo, na sua obra *A praia: espaço de sociabilidade*⁴ (1998) conta que a praia era vista como um lugar de preparação os instrumentos e o transporte para a atividade pesqueira, como consta na fala de um pescador da Bahia, “molha-se nessa água, mergulha às vezes, por necessidade, mas pouco por divertimento.”⁵

Seguindo essa linha de pesquisa, a jornalista e antropóloga Carmen Silvia Rial, na sua dissertação *O Mar de Dentro: a transformação do Espaço Social na Lagoa da Conceição*⁶ (1998), também escreve sobre o cotidiano dos pescadores com o mar, segundo o relato de um ilhéu: “quando eu me criei aqui, não se falava em praia. Praia não existia. Quer dizer, existia mas para nós era praia de pescar. Não de tomar banhos.” Estes trabalhos esclareceram que o despertar para o uso dos banhos de mar foi sentido de formas distintas entre as classes. Essas diferenças sociais, pautadas pelo discurso higienista e ações do Estado, não foram recebidas passivamente,

³ SILVA, Sandro Vasconcelos da. *Quando o Recife sonhava em ser Paris: a mudança de hábitos das classes dominantes durante o século XIX.* sÆculum - Revista de História [25]; João Pessoa, jul./ dez. 2011, p.215.

⁴ AZEVEDO, Thales de. *A Praia: espaço de sociabilidade.* nº 134, Salvador: CEB/UFBA, 1988.

⁵ AZEVEDO, 1998 apud ARAÚJO, 2007, p.351

⁶ RIAL, Carmen Silvia. *O Mar de Dentro: a transformação do Espaço Social na Lagoa da Conceição.* 1988. Dissertação de Mestrado. PPGAS/ UFRGS. 1988 apud AZEVEDO, 1998, p. 34.

mas a construção do discurso médico esteve apoiado pela elite e a imprensa que consolidaram o processo de modernização.

O uso dos banhos de mar refletiu uma relação de poder entre as classes sociais, mudanças na percepção paisagística sobre as orlas litorâneas e a construção de um discurso médico higienista. Visando compreender melhor essa conjuntura iniciamos nosso trabalho com uma contextualização sobre as primeiras percepções sobre a praia e o mar.

As percepções sobre o mar

O imaginário Ocidental construiu o mar sob a perspectiva enigmática, símbolo de uma criação inacabada de Deus, configurando-se como uma espécie de limbo para as almas, o dilúvio era visto metaforicamente como um grande evento que evocava o mar como uma zona de caos e abismo. As ondas pertenciam a ambivalência, entre o temido e o destemido, entre o habitado e o não habitado.

Essa visão divina do mar influenciou, também, na forma como o homem se comportava diante da paisagem e dos elementos naturais ao seu redor. Por volta de 1690 e 1730, a Teologia Natural, sistema de pensamento nascido no Ocidente, especificamente na Inglaterra, articulou a apreciação da natureza aos ensinamentos de sábios e religiosos. Essa concepção física-teológica acreditava que cada elemento da natureza representava misteriosas correspondências com o divino, selando a união entre microcosmo e macrocosmo. Os sábios religiosos acreditavam que o mundo

exterior, sobretudo a natureza, era uma amostra terrena perfeita da criação divina.⁷

Essa visão desembocou nas primeiras apreciações turísticas da natureza, essa nova relação com os elementos naturais permitiu que a camada aristocrática desenvolvesse o gosto pelo retiro, mesmo que esse contato com a natureza fosse imbuído pela busca de um paraíso terreno.⁸

As ideias da Teologia Natural entram em decadência partir do século XVIII e o diálogo entre o corpo e o mar desapartaram-se de uma visão divina e passaram a ser orientados por um olhar médico.⁹ Espaço da contemplação, mesmo que ainda fosse um ambiente pouco conhecido, as águas marinhas que banhavam os corpos, os ventos e a areia mostravam-se como um refúgio terapêutico.¹⁰ A partir do momento que a natureza marítima deixou de ser considerada uma criação divina e indomável, inicia-se um processo de secularização, a praia passou a ser representada de maneira simbólica classes dominantes, através de um conjunto de normas e rituais de convivências. Essa conjuntura social estimula as prescrições médicas sobre o uso dos banhos de mar e a estadia à beira-mar no combate a doenças nervosas, doenças pulmonares e linfáticas, até mesmo no revigoramento mental daqueles que sofriam por ansiedade e melancolia.¹¹

Os efeitos após os banhos de mar passaram a ser estudados com mais afinco pelos médicos. Não só as águas, mas a areia, os ventos e o entorno

⁷ CORBIN, Alain. *Território do Vazio: A praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p p.34.

⁸ CORBIN, Alain. *Território do Vazio: A praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p p.35.

⁹CORBIN, Alain. *Território do Vazio: A praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.42.

¹⁰ CORBIN, Alain. *Território do Vazio: A praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p 81.

¹¹ CORBIN, Alain. *Território do Vazio: A praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.142.

dessa faixa litorânea eram analisados na tentativa de promover os melhores resultados para os banhistas e curistas.¹²

Vale ressaltar que as prescrições dos banhos já eram indicadas por médicos na Idade Antiga, os banhos frios já eram apontados como um importante recurso terapêutico nos registros da coleção hipocrática:

Ora, esse elemento do arsenal terapêutico vê-se reorientado, no século XVIII, pela ascensão da prática do banho frio. Sob esse aspecto, a moda do mar não constitui senão a culminação de um processo; o banho em água salgada a doze ou catorze grau centígrados aparecerá muitas vezes como uma forma atenuada de contato com o frio, reservada aos pulsilânicos, às crianças, às mulheres e aos velhos.¹³

O inglês John Floyer foi um dos médicos expoentes na indicação dos banhos de mar na Europa em 1702 tendo criado obras e catálogos que visavam esclarecer a escolha de praias apropriadas para os banhos. O médico inglês Richard Russel também acreditava no poder de cura da natureza, através dela várias doenças poderiam ser combatidas com o uso das águas salgadas.¹⁴

As prescrições médicas dos banhos de mar ao longo do século XVIII prolongaram-se para o século XIX foram acompanhadas por descobertas na área farmacológica e química que detectavam a presença de iodo e

¹² CORBIN, Alain. *Território do Vazio: A praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p 82.

¹³ CORBIN, Alain. *Território do Vazio: A praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p p.75.

¹⁴ Disponível em: <http://www.france-thalasso.com/la-thalasso/thalasso-histoire/>. Acessado em 18 de julho de 2017.

bromo nas águas marinhas, tais minerais que proporcionavam novas formas do uso das águas salgadas.¹⁵

Nota-se que os avanços do século XIX foram responsáveis pela consolidação de um discurso modernizador e higienista, fazendo com que as visitas às praias se tornassem um símbolo de status entre as classes abastadas que buscavam refúgio emocional e biológico. Os conceitos modernidade e modernização mantêm um vínculo de reciprocidade, pois a modernidade, enquanto um conjunto de valores, comportamentos e os aspectos ideológicos, necessita das mudanças provocadas pela modernização da economia e de avanços tecnológicos.¹⁶ Cabe ainda dizer que conceito civilização, empregado nesse trabalho, está relacionado ao uso “moderno” da palavra, que teve início no século XVIII, visando designar polimento ou correção de costumes, segundo o historiador Jean Starobinski¹⁷ o vocábulo civilização significa refinamento dos hábitos, organização social e aumento de conhecimentos em diversas áreas do saber.

Nesta época, paralelo aos estudos médicos, surgiam as epidemias de febres e outras doenças contagiosas devido ao crescimento populacional desordenado na cidade, resultado das instalações insalubres e precariedade sanitária. Esse contexto social serviu para reforçar a

¹⁵ VIEIRA, Ismael. *Combater a tuberculose à beira mar – talassoterapia e sanatórios marítimos entre os séculos XIX e XX*. CITCEM/FLUP, 2001, p.2. Disponível em: <https://www.citcem.org/encontro/pdf/new.../TEXTO%20-%20Ismael%20Vieira.pdf>. Acessado em: 28 de Julho de 2017.

¹⁶ OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. *Façamos a família à nossa imagem: A Construção de Conceitos de Família no Recife Moderno (Décadas de 20 e 30)*. Tese de Doutorado em História, Recife: UFPE-CFCH, 2002 apud ARAÚJO, Silvera Vieira de. *Entre o poder e a ciência: história das instituições de saúde e de higiene da Paraíba na Primeira República (1889-1930)*, Recife, 2016, p.25.

¹⁷ STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização: ensaios*; tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 apud NASCIMENTO, Bruno Nery do. *Entre a “Mendigópolis” e o “Recife Novo”*: reforma urbana, higiene e políticas de saúde para as mulheres no governo de Sérgio Loreto (Pernambuco, 1922 - 1926). 2016. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2016, p. 45.

ambivalência da cidade versus natureza e os médicos indicavam, cada vez mais, a busca por espaços de repouso e ar puro, pois a paisagem natural e a contemplação das ondas e seus efeitos no corpo revigoravam a saúde¹⁸ para o retorno a cidade.

Médicos e pesquisadores passaram a observar que a eficiência do tratamento não se restringia aos banhos de mar. Dessa forma, era na praia que se concentravam os aspectos condicionantes para a melhora dos doentes. Segundo o historiador francês Alain Corbin, criou-se a ideia de “praia salubre” em que observaram o solo, as qualidades do ar, na qual “uma inesgotável literatura compara os méritos de cada fragmento de praia; propõe uma análise absolutamente rigorosa de microclima.”¹⁹ Os curistas procuravam a praia para se distanciarem dos miasmas da cidade, assim como desfrutavam a paisagem, no entanto isso não remetia a uma total liberdade para o uso dos banhos, pois os médicos indicavam com precisão a estação, a hora, a duração e até mesmo a praias que deveriam visitar.²⁰

Dos prazeres visuais até as sensações corpóreas, o mar foi fonte de inspiração para diversos pesquisadores na Europa, sobretudo escritores e viajantes que se interessavam por toda paisagem marinha. Fazer com que o mar se tornasse um elemento natural mais apreciado que a montanha, em

¹⁸ Por ser tonificante e antiinflamatória, a água do mar estimula a circulação, e elimina a sensação de fadiga. In: ALMEIDA, Aline Barreto de; OLIVEIRA, Ana Maria Braga de; ARAÚJO, Emanuelle Torquato de Bezerra; GUEDES, Tâmara Albuquerque Leite; CÁRDIA, Maria Cláudia Gatto. *Talassoterapia*. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2004, p.2. Disponível em: <https://www.ufmg.br/congrext/Saude/Saude187.pdf>. Acesso em: 3 de Outubro de 2017.

¹⁹CORBIN, Alain. *Território do Vazio: A praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.83.

²⁰CORBIN, Alain. *Território do Vazio: A praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p 85.

1780,²¹ seria uma tarefa difícil, mas as mudanças históricas e sociais promoveram o conhecimento sobre a praia.

[...] uma prolixa literatura de casos médicos, relatos de viagens ou estadias terapêuticas, uma abundante correspondência, um incessante diz-que-diz, atestam então a intensidade do desejo da beira-mar. Ao longo de tais relatos, constroi-se uma estratégia emocional, revela-se e difunde-se uma maneira inédita de usufruir o mar e suas praias.²²

Segundo Corbin, o indivíduo moderno buscou experimentar os elementos constituintes da praia. No início do século XIX desenvolveu-se uma busca incessante para compreender as origens da terra por meio da leitura biológica e geológica, além dos estudos da climatologia.

Os escritos científicos examinaram novas percepções sobre o mar e novos modelos de apreciação da praia e demonstraram que a água do mar possui características físicas - temperatura, salinidade, movimento, densidade relativa, entre outras - que constitui por si mesma um elemento natural terapêutico. Assim, a qualidade climática, praia agradável, índice de salinidade e atributos bioquímicos na água do mar tornaram-se requisitos importantes para o recurso terapêutico denominado hidroterapia marinha.²³

²¹ CORBIN, Alain. *Território do Vazio: A praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.107.

²²CORBIN, Alain. *Território do Vazio: A praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 107.

²³ HAMEAU, M. Impr. de Lavigne jeune (Bordeaux), 1835, p.8. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5850930j>. Acessado em: 18 de Setembro de 2017.

Os discursos médicos sobre a hidroterapia marinha

Em 1753 o doutor inglês Richard Russel publicou *O uso da água do mar*, o primeiro tratado moderno²⁴ descrevendo os benefícios da água do mar para o tratamento de doenças glandulares.²⁵ Corbin afirma que os cientistas germânicos, por volta de 1793, também divulgavam escritos sobre as virtudes do mar. O médico alemão Georges-Christophe Lichtenberg foi um pioneiro quando o assunto se tratava de pesquisas sobre as qualidades terapêuticas e a vilegiatura marítima.²⁶

A qualidade climática, praia agradável, índice de salinidade e atributos bioquímicos na água do mar tornaram-se requisitos importantes para a eficácia da hidroterapia marinha. O Dr. Antônio Francisco da Silva Junior foi um dos grandes estudiosos sobre os usos da hidroterapia marítima, em sua dissertação *Estudo Sobre os Efeitos Physiologicos e Therapeuticos dos Banhos de Mar*²⁷ (1874), apresentada na Escola Médico-Cirúrgica do Porto podemos observar a seguinte constatação:

Se percorrermos o vasto arsenal therapeutico, apparece-nos, como um dos agentes mais preciosos para preencher esta indicação, o mar com as suas aguas, banhos, e atmospheras. Na verdade, é o tratamento marítimo um dos mais effica-zes que a therapeutica aconselha para destruir o gémen d'es-sas debilidades constitucionaes tão multiplicadas nos nossos dias, e

²⁴ Disponível em: <http://www.france-thalasso.com/la-thalasso/thalasso-histoire/>.

²⁵ TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, (Tradução de Lívia de Oliveira) Londrina: Eduel, 2012.

²⁶ CORBIN, Alain. *Território do Vazio: A praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 274.

²⁷ JÚNIOR, A.F. da Silva. *Estudo sobre os efeitos physiologicos e therapeuticos dos banhos do mar frios*. Porto: Typographia de Manoel José Pereira, 1874, p.18. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/17221> . Acessado em: 18 de Setembro de 2017.

operar assim uma benéfica metamorphose na decadente saúde dos povos.²⁸

O Dr. Silva Junior ainda examina a atmosfera marítima pelo viés social, isto é, observa que o deslocamento da população urbana para a praia em busca de descanso durante as temporadas de veraneio poderiam estar associadas ao aconselhamento médico ou pelo conhecimento das próprias pessoas acerca dos efeitos fisiológicos e terapêuticos do ambiente praieiro.

Essas descobertas sobre o mar e os primeiros contatos com a praia foram favorecidos pelos desdobramentos da II Revolução Industrial, dentre eles estavam: automóvel, telefone, sistema de esgoto, sistema de abastecimento da água, vias férreas, entre outros.²⁹ Assim, a saúde e a higiene estavam solidamente articuladas à construção do ideal de modernidade, progresso e civilização.

O arquiteto urbanista Guido Zucconi em seu livro *A Cidade do Século XIX* (2009), mostra que os avanços científicos preocupavam-se com os cuidados acerca de questões higiênicas e estéticas do corpo. É nesse quadro social que são construídas estruturas terapêuticas e estabelecimentos balneários.³⁰

²⁸ JÚNIOR, A.F. da Silva. *Estudo sobre os efeitos physiologicos e therapeuticos dos banhos do mar frios*. Porto: Typographia de Manoel José Pereira, 1874, p.18. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/17221> . Acessado em: 18 de Setembro de 2017.

²⁹ ARAÚJO, Silvera Vieira De. *Entre o poder e a ciência: história das instituições de saúde e de higiene da Paraíba na Primeira República (1889-1930)*. 2016. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Recife, 2016, p.222.

³⁰ ZUCCONI, Guido. *A cidade do século XIX*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p.180.

Associado com a difusão de modelos salutarés, as termas são repropostas como sendo outro *topo* da Antiguidade. Nessa ótica, também são delineadas novas estruturas terapêuticas destinadas à talassoterapia e às curas marinhas, tendo, como fundo, novos cenários e novas tipologias urbanas (os centros balneários, termas, as *villes d'eau*).³¹

De acordo com o autor, o século XIX representou o florescimento de descobertas, invenções e novas concepções em diversas áreas da ciência, conseqüentemente surgiu a preocupação do Estado com as condições sanitárias das cidades.

O autor registra que inúmeras expressões que poderiam definir a cidade do século XIX, como: "a cidade na época da expansão", "cidade do progresso técnico"; mas ele registra ser mais convincente o termo "cidade do ontem", pois a passagem do século XIX para o XX demonstra notoriamente permanências, questão que estava relacionada as novas normas de higiene pública não respeitadas devido aos antigos costumes dos moradores.³² Mas, em todo caso, a cidade do século XIX, foi espaço de mudanças paisagísticas e culturais, e a beira-mar passa a ser vista com novos olhos pelos banhistas e médicos. Segundo Zucconi, "o século XIX, de fato, configurou alguns tipos fundamentais da paisagem atual. Entre outros, nos deixou as estações ferroviárias e os estabelecimentos industriais, as galerias comerciais e as lojas de departamentos, os bairros de edificação pública e as orlas marítimas."³³ Desse modo podemos observar que a cidade do século XIX criou novos espaços de sociabilidade e as novas

³¹ ZUCCONI, Guido. *A cidade do século XIX*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 180.

³² Os "tigres" eram vasos onde se colocavam os dejetos humanos, os escravos, que transportavam esses dejetos para despejar nas margens dos rios e nas praias, acabaram sendo conhecidos por tal denominação por exercer essa função. SETTE, Mário. *Arruar: História Pitoresca do Recife Antigo*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil. 1950 apud SOUZA Maria Ângela de Almeida. *Posturas do Recife Imperial*. 2002. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História, 2002, p.150.

³³ ZUCCONI, Guido. *A cidade do século XIX*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p.28.

relações de estruturas urbanas que poderiam ser ampliadas e modificadas, conseqüentemente foi criado um novo diálogo entre a cidade e a praia.³⁴

A historiadora Joana Gaspar de Freitas em seu estudo *O litoral português, percepções e transformações na época contemporânea: de espaço natural a território humanizado*³⁵(2007), informa que a saída da área urbana em busca de ambientes puros tornou-se uma prática recorrente, as qualidades dos banhos de mar ajudavam a curar o doente, restabelecendo o equilíbrio físico e mental, como a melhoria do apetite e do sono, devido o afastamento das preocupações diárias.

A socióloga portuguesa Helena Machado no seu estudo *A construção social da praia (1996)*, também menciona que a passagem do século XIX para o século XX favoreceu a construção de um discurso médico que enfatizava a salubridade como elemento primordial para atrair as pessoas para temporadas à beira-mar.

É interessante notar que os discursos que apelam à fuga da cidade e ao “reencontro” do homem com a natureza, tem como base uma determinada concepção de “higiene corporal”, confrontando-nos com um imaginário do corpo com uma entidade porosa, extremamente permeável às agressões exteriores, nomeadamente ao ar impregnado de doenças.³⁶

A saída da cidade durante as temporadas de veraneio, a busca por ares salubres e tratamentos de enfermidades contraídas na cidade serão prescritas por médicos e legitimados pelo poder do Estado em veículos de informação, veremos que o processo de descoberta da praia e dos banhos de mar no Brasil foi gradual, mas intensamente reforçados pelos projetos modernizadores e higienistas.

³⁴ ZUCCONI, Guido. *A cidade do século XIX*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p.28.

³⁵ FREITAS, Joana Gaspar de. *O litoral português, percepções e transformações na época contemporânea: de espaço natural a território humanizado*. Revista de Gestão Costeira Integrada - Journal of Integrated Coastal Zone Management, vol. 7, núm. 2, 2007, pp. 105-115, p. 109.

³⁶ MACHADO, Helena Cristina Ferreira. *A Construção Social da Praia*. Sociedade e Cultura 1, Cadernos do Noroeste, Série Sociologia Vol. 13 (1), 2000, p. 201-218.

O costume dos banhos de mar chega ao Brasil

No século XIX, as indicações médicas da hidroterapia marinha chegaram ao Brasil junto com a Corte em 1808, registros da época informam que habitualmente D. João e Carlota Joaquina tomavam banhos de mar por indicações médicas. Seguindo o costume real, muitas famílias abastadas passaram a utilizar os banhos como recurso terapêutico.

O historiador Victor Andrade de Melo no seu artigo: *o Mar e o Remo no Rio de Janeiro do Século XIX*, o uso dos banhos frios não era um hábito entre os habitantes do Rio de Janeiro. A higiene diária era iniciada pela manhã com um pano molhado por aguardente e/ou loção a ser passado no corpo. O autor ainda esclarece que o primeiro contato com os banhos de mar foi realizado pelos indivíduos das camadas populares, no entanto os banhos não seguiam recomendações médicas, o mar é visto muito mais como um espaço de subsistência.³⁷

Os trabalhos historiográficos que remontam o século XIX e XX apresentam escassas informações sobre o discurso e a percepção das classes populares sobre o uso dos banhos de mar, mas aqueles que conseguimos encontrar e utilizar nesse trabalho não visam aprofundar a discussão em torno do assunto, mas permitem revelar que o uso dos banhos também representava a relação de poder existente entre as classes sociais. O autor ainda comenta que “nos jornais da cidade, desde aquela época chegavam notícias dos banhos de mar em países europeus [...] No Brasil, com a popularização crescente do uso do mar para banhos, desde cedo

³⁷ MELO, Victor Andrade de. *O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX*. Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 23, p. 41-60, 1999, p. 45.

surgiram preocupações com a sua regulamentação.”³⁸ Nota-se que os banhos de mar foram apropriados e legitimados pelas classes dominantes através da literatura médica e das publicações na imprensa.

No folhetim, *Os dramas de Pariz ou Rocamboles*, escrito pelo Visconde Ponson du Terrail, publicado no Jornal de Recife, nota-se como os banhos de mar representavam status social entre as camadas dominantes da época:

-Eu não sei que papel representam os outros associados, mas acho que o seu não é nada arriscado. Ninguém neste mundo poderia provar que ainda ontem o não conhecia. Ora, nós encontrávamo-nos nos banhos do mar, em qualquer sala da boa sociedade, o senhor pareceu-me um homem distinto, e como tal cuidei poder apresentá-lo á marquesa.³⁹

A obra *A Corte de Portugal no Brasil (notas, alguns documentos diplomáticos e cartas da Imperatriz Leopoldina)* escrita pelo diplomata Luiz Norton traz as impressões urbanas e históricas da chegada da Corte no Brasil e como a família real foi importante para o desenvolvimento de novos comportamentos sociais e propagação das virtudes terapêuticas dos banhos de mar.

Os banhos de mar, banhos terapêuticos, aconselhados no Rio de Janeiro a Dom João e a Dona Carlota Joaquina, representam grande progresso na higiene rudimentar que se observava no Paço. Provavelmente constituiu uma inovação praticada na nova sede da

³⁸ MELO, Victor Andrade de. *O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX*. Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 23, p. 41-60, 1999, p. 45.

³⁹Hemeroteca da Biblioteca Nacional. *Jornal do Recife*, 18 de Março de 1870, nº 62, p.1.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pesq=nos%20banhos%20do%20mar>. Acessado em: 10 de Fevereiro de 2017.

Corte, talvez sugerida por hábitos locais, pois com justiça referia Koster, depois da sua viagem ao Brasil empreendida em 1810.⁴⁰

Esses relatos são fontes imprescindíveis para entender a trajetória dos banhos de mar no Brasil, no que diz respeito ao posicionamento intelectual e popular da época. Os jornais também apresentavam relatos sobre o conhecimento popular acerca dos banhos de mar, no *Jornal Pequeno*, o segmento *A medicina e as crendices populares (1912)* escreve: “o mal que fazia não sei eu dizer-lo: mas bem não me fez nenhum. Melhorei porque tomei ferro, banhos de mar e outras coisas que um médico me aconselhou”⁴¹ Verifica-se que a divulgação dos efeitos dos banhos de mar chegou até aqueles que não dominavam a linguagem culta dos intelectuais e médicos da época.

A presença das águas sempre foi um elemento enaltecido na paisagem brasileira, os rios também eram considerados espaços tradicionais de cura e lazer, embora os banhos de mar estivessem em pleno florescimento na Europa, a conquista da praia se fez de modo gradual.

Os banhos de mar em Recife

A província do Recife era frequentemente assolada por epidemias, por volta de 1746, as famílias abastadas, temendo a infecção e as altas taxas de

⁴⁰NORTON, Luiz. *A corte de Portugal no Brasil; (notas, alguns documentos diplomáticos e cartas da imperatriz Leopoldina)* / Luiz Norton 1ª ed. Ilus.— São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. — (Coleção Brasileira), p. 135. Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/obras/a-corte-de-portugal-no-brasil-notas-alguns-documentos-diplomaticos-e-cartas-da-imperatriz-leopoldina>. Acessado em: 12 de Outubro de 2017.

⁴¹Hemeroteca da Biblioteca Nacional. *Jornal Pequeno*, 1 de Junho de 1912, nº235, p.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800643&pesq=crendices%20populares>. Acessado em: 2 de Agosto de 2017.

mortalidade, se deslocavam das áreas urbanas para buscar proteção nos campos em áreas que não haviam sido contaminadas, e os banhos de rio se tornaram o principal recurso profilático. As indicações dos banhos de rio prolongaram-se para o século XIX e o seu uso como prática de lazer se intensifica, como afirma Rita de Cássia Araújo em seu estudo *A vida ao ar livre: os banhos de rio, de mar e de sol* (2007), afirma: “na virada do século XVIII para o século XIX, o movimento em direção aos povoados ribeirinhos era intenso, sinal de que o costume de passar a temporada de festa no campo estava plenamente consolidado”⁴². Assim os banhos passaram a ascender e serem explorados também por camadas populares e acerca dessa expansão dos arrabaldes a autora comenta:

O saber médico- reconhecido e legitimado pelas autoridades públicas e religiosas e aceito pela elite-, apregoando as virtudes terapêuticas e higiênicas dos banhos de rio e ares campestres, foi o responsável direto e imediato por essa nova forma de aproximação entre a população e os rios.⁴³

A historiadora ainda explora no seu artigo a transição dos banhos de rios para o de mar defendendo que banhos de água doce eram almejados para os cuidados da saúde e o como foi o seu declínio na sociedade recifense.

No início, na segunda metade do século XVIII, quando foram descobertos, os banhos de rio e de intenso convívio social, tal como foi observado pelos cronistas e viajantes estrangeiros no começo dos novecentos. Em sua origem, a procura pelos ares campestres e pelos

⁴²ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *A vida ao ar livre: os banhos de rio, de mar e de sol*. CLIO. Série História do Nordeste (UFPE), v. 2, p. 155-184, 2007, p.161. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24747/20021>. Acessado em: 12 de Abril de 2017.

⁴³ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *A vida ao ar livre: os banhos de rio, de mar e de sol*. CLIO. Série História do Nordeste (UFPE), v. 2, p. 155-184, 2007, p.161.

banhos nas águas correntes dos rios Capibaribe e Beberibe teve uma motivação higiênico-sanitária.⁴⁴

O médico e professor universitário Orlando Parahym em seu livro *Traços do Recife: ontem e hoje*, atesta que os rios eram apreciados por serem espaço de lazer e fontes de comunicação entre os bairros da cidade, “ia-se veranejar em casas construídas não longe do rio. Casarões com excelentes pomares e banheiros fluviais”⁴⁵. O autor ainda afirma que processo de desvalorização da praia: “as praias do mar não atraíam os veranistas, porque eram imundas [...]”⁴⁶

O processo de expansão do Recife, entre os anos de 1830 e 1840, faz as margens do Capibaribe passar intensas modificações paisagísticas e habitacionais, a abertura das estradas provocou o adensamento populacional no processo de democratização dos subúrbios recifenses. O deslocamento sazonal da classe média fez com que os rios fossem vistos com outros olhos pela “gente endinheirada”, pois a calma e o deleite estético dos arrabaldes foram perdidos.

No entanto, a mudança desse costume se dá pelo processo de expansão de Recife, Araújo aponta que a cidade parecia ter sido transferida para as margens dos rios através da abertura das estradas, o adensamento populacional foi resultado do processo de democratização dos subúrbios recifenses. O deslocamento sazonal da classe média fez com que os rios

⁴⁴ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *A vida ao ar livre: os banhos de rio, de mar e de sol*. CLIO. Série História do Nordeste (UFPE), v. 2, p. 155-184, 2007, p.160.

⁴⁵ PARAHYM, Orlando. *Traços do Recife: ontem e hoje*. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1978, p. 122.

⁴⁶ PARAHYM, Orlando. *Traços do Recife: ontem e hoje*. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1978, p. 122.

fossem vistos com outros olhos pela “gente endinheirada”, pois a calma e deleite estético dos arrabaldes foram perdidos.⁴⁷

O geógrafo e historiador Manoel Correia de Andrade relata sobre a ocupação dos arrabaldes por camadas populares e como as estações de veraneio deixaram de ser uso exclusivo da elite recifense.

“O uso do arralde se tornaria mais freqüente e acessível às classes menos favorecidas, depois que se desenvolveu no Recife o serviço de transportes coletivos, com as diligências a tração animal, os bondes de burro, cuja estação central se localizava no Brum, próximo ao porto, e com os trens chamados de maxambombas.”⁴⁸

O processo de desvalorização do veraneio nos arrabaldes foi acentuado pela substituição dos engenhos pelas usinas. Esse acontecimento foi decisivo na mudança dos hábitos de lazer da população recifense, pois os rios passaram a ser poluídos pela calda da cana-de-açúcar das usinas, fazendo com que o deslocamento da população citadina, habituadas ao lazer propiciado pelo rio Capibaribe, fosse transposto para as águas salgadas do mar de Olinda.⁴⁹

Araújo, no seu artigo *A cultura da praia: urbanização, sociabilidade e lazer no Brasil, 1840-1940*, conta que “por volta de 1840, no entanto, evidenciavam-se os sinais de que a relação que a sociedade colonial havia estabelecido com as águas marinhas e com as praias de mar estava em

⁴⁷ ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *A vida ao ar livre: os banhos de rio, de mar e de sol*. CLIO. Série História do Nordeste (UFPE), v. 2, p. 155-184, 2007, p.124.

⁴⁸MACHADO, Maria Rita Ivo de Melo; ANDRADE, Manoel Correia de. *As transformações espaciais e territoriais do bairro de Apipucos na cidade do Recife – PE: uma contribuição geográfica aos conceitos de espaço e território*. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo, p. 8337. Disponível em:

<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Teoriaymetodo/Conceptuales/24.pdf>. Acessado em: 15 de Fevereiro de 2017.

⁴⁹ MACHADO; ANDRADE, 2007, p.8337.

franco processo de mudança.”⁵⁰ A autora infere que a transição dos costumes dos banhos de rio para os banhos de mar se deu na ordem do dia. Os banhos salgados foram difundidos ao passo que novas descobertas médicas e inovações tecnológicas eram feitas, como a instalação de projetos higiênico-sanitários de limpeza das praias.

Ainda como afirma a autora “a composição da água salgada ainda era motivo de resistência para a população do Recife ao uso dos banhos de mar”⁵¹, mas as transformações urbanísticas e econômicas, no decurso do século XIX, irão possibilitar a difusão de um pensamento higienista-sanitário.

O artigo *Historia do Hydrocele em Pernambuco(1842)* produzido pelo doutor Manoel Pereira Teixeira e publicado *Anais de Medicina Pernambucana*, menciona a necessidade dos profissionais da saúde prescreverem os banhos de mar para combater diversas moléstias:

Muito proveitoso seria que os habitantes deste país fizessem frequente uso dos banhos frios, e em particular dos de mar, durante a estação de verão. Aqui na Cidade fácil é tomar esses banhos pela proximidade do mar, e por meio deles talvez se diminuíssem muitas das moléstias horrorosas, que tão frequentes são aqui. Se esta Sociedade entender que isto será de proveito público, ficaremos na obrigação de aconselhar esses meios.⁵²

⁵⁰ARAÚJO, R. C. B. A cultura da praia: urbanização, sociabilidade e lazer no Brasil, 1840- 1940. *Acta Científica XXIX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales de Chile.* p.1-8. 2013, p.2. Disponível em: http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT23/GT23_deCassiaBarbosa.pdf. Acessado em: 26 de Julho de 2016.

⁵¹ARAÚJO, R. C. B. A cultura da praia: urbanização, sociabilidade e lazer no Brasil, 1840- 1940. *Acta Científica XXIX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales de Chile.* p.1-8. 2013, p.156.

⁵²ANNAES DA MEDICINA PERNAMBUCANA (1842-1844), 1977. Estudo introdutório do Prof. Leducar de Assis Rocha. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, p.73.

O fragmento acima representa como Recife estava se desenvolvendo intelectualmente e economicamente, frente ao processo de modernização ocorrido nas grandes cidades brasileiras. A Sociedade de Medicina de Pernambuco criada em 1841, durante o governo de Francisco do Rego Barros, foi responsável pela entrada das ideias higienistas no fluxo das preocupações públicas durante o processo de modernização da cidade. Médicos, cirurgiões e farmacêuticos criaram os *Annaes da Medicina de Pernambuco*, em 1843, visando explicar e conscientizar a população sobre as medidas de higiene e práticas terapêuticas para a cura de diversos males. Assim, o corpo médico do Recife passou a atuar um poderoso aliado do Estado, em suas diferentes instâncias.

Desse modo, o uso dos banhos de mar foi favorecido pelo apoio da imprensa e dos médicos:

[...] em ritmo lento e contínuo como o trabalho das do mar, médicos, higienistas e simpatizantes dos princípios higiênicos dos banhos, da hidro e da talassoterapia, persistiam em sua jornada, qual seja: divulgar os benefícios que o uso frequente de banhos trazia à saúde individual e, por extensão, à saúde da coletividade.⁵³

Percebe-se que os banhos de mar, seguindo as prescrições médicas, também foram ganhando espaço na cidade do Recife, a sua divulgação entre as classes dominantes foi ampliada mediante o apoio do Estado:

Nas areias da praia, pegadas humanas sugeriam uma outra modalidade de banho com que certos habitantes do Recife iam, pouco a pouco, estabelecendo contato: os banhos salgados de

⁵³ ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *As praias e os dias: história social das praias do Recife e de Olinda*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007, p.368.

talassa. As virtudes medicinais das águas do mar, inicialmente propagadas apenas pela classe médica, contando com o apoio de empresários e órgãos da imprensa, ganhavam amplitude social⁵⁴

O *Diario de Pernambuco*, considerado o “porta-voz do governo”, oferecia apoio ao discurso dos representantes do Estado sobre as providências sanitárias e higiênicas para sanar os surtos epidêmicos. Em 1855, a adoção das quarentenas no porto do Recife e as recomendações para que se mantivessem limpas as ruas e as casas foram amplamente divulgadas.⁵⁵ O jornal supracitado veicula a matéria, *Banhos salgados no Cholera Morbus* (1855), retratando que além dos cuidados com a higiene, as preocupações sanitárias com o porto do Recife, o uso dos banhos de mar passa a ser considerado uma medida higienista eficaz no tratamento das epidemias:

O tratamento do período álgido do cholera he decerto aquelle para que tem sido aconselhados mais meios, e em que o êxito deles he meros suficientes nessa verdadeira alteração totis substantiae. No tratamento proposto pelo Dr.Lepetit, tendo por base o acido sulfúrico, já este pratico aconselhava o emprego dos banhos salgados contra as câimbras e a diarrhea [...] Apresentaremos aqui uma parte do artigo do Sr. Starr. Diz ele: -Desde 1849 tenho tido razões para sustentar a opinião que fiz conhecer naquele tempo, de que o uso systematico de um forte banho de agua salgada na temperatura de 106 a 112º de Fahr. (temperatura da febre), seria um recurso geral e grande valor pratico nas formas mais graves de colapso, e mais particularmente me convenci disto, quando na minha pratica tive de me haver com a moléstia naquele período em que a intolerância do estomago para a acção normal dos remédios internos, torna a sua administração vã, ou superior do que inútil.⁵⁶

⁵⁴ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *As praias e os dias: história social das praias do Recife e de Olinda*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007. p.215.

⁵⁵FARIAS, Gomes Rosilene. *Epidemia e sociedade no Recife Imperial*. Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011.p.4.

⁵⁶Hemeroteca da Biblioteca Nacional. *Diario de Pernambuco*, 26 de Setembro de 1855, nº 222, p.1. Disponível

Os higienistas passaram a direcionar suas atenções à insalubridade de Recife, que convivia com a falta de um sistema de esgoto e água potável. Em 1845, o primeiro relatório do Conselho de Geral de Saúde Pública incluía o melhoramento das praias, remoção dos entulhos das ruas e a extinção dos pântanos. Essa noção de melhorias sanitárias, mediante a modificação do ambiente, era proveniente de uma concepção miasmática, acreditava que as imundices presentes no ambiente emanavam vapores nefastos e causavam as moléstias.⁵⁷ O conhecimento sobre as qualidades dos banhos salgados foram amplamente difundido no tratamento das epidemias.

Os médicos e higienistas aconselhavam o uso de banhos com o sentido de terapia, limpeza e higiene do corpo; banhos regulares, disciplinados, talvez até diários, em se tratando de banhos de água potável no âmbito do espaço doméstico, ou temporadas de banhos salgados prescritas pelos médicos, cuja dosagem variava segundo cada caso específico de doença.⁵⁸

A imprensa e a instituição da medicalização urbana pelo Estado, nos casos de epidemias que assolavam a cidade e outros tipos de doença, vai prescrever a orla costeira como o ambiente favorável para o restabelecimento da saúde. Seguindo essa linha de pensamento, averiguamos que as classes dominantes se apropriaram do discurso médico para legitimar a praia como um local “civilizado”, sua frequência se tornava uma “forma de distinção social”.

em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_03&pasta=ano%20185&pesq=emprego%20dos%20banhos%20salgados . Acessado em: 12 de Junho de 2018.

⁵⁷ ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *As praias e os dias: história social das praias do Recife e de Olinda*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2007, p.200.

⁵⁸ ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *As praias e os dias: história social das praias do Recife e de Olinda*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2007, p.203- 204.

A indicação dos banhos de mar não coube só a indicação de órgãos oficiais do Estado, tinha-se conhecimento dos efeitos das águas salgadas, mas outro fator determinante para a prática desse costume foi a valorização dos banhos pelos grandes nomes da literatura, da moda e da política. O artigo *Tomar Banhos* (1854), publicado no *Diário de Pernambuco*, menciona o papel decisivo da moda para a divulgação dos banhos salgados entre as classes dominantes:

Se a moda não fosse a mais despótica das deusas caprichosa mesmo do que a musa pedante de algum poeta *kikiriki*, juro sobre a mais santa das crenças, que ninguém tomava banhos de mar!

[...] Mas a moda...

Não seria por certo no século das Montepan, e das Maintenon, que as rainhas da elegancia levassem o desvario até envergar a clássica camissolla de baeta, espécie de alva já suja, com que as martyres do mão tom se immolam voluntariamente ao sacrificio das ondas, que he o patíbulo da moda!⁵⁹

A moda associada higiene tornou-se base para a construção de um ideal de modernidade legitimado pelas classes dominantes que estavam incorporando as suas vivências as novas descobertas científicas e cuidados com o corpo.

Desse modo, a virada do século XIX para o XX, o processo de modernização do Recife vai acarretar transformações urbanísticas e econômicas, construção de novos espaços de sociabilidade e a difusão de um pensamento higienista-sanitário.

⁵⁹ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. *Diário de Pernambuco*, 27 de Novembro de 1854, nº 272, p.4. Disponível em:http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_03&PagFis=5874&Pesq=Revista%20das%20Barca. Acessado em: 10 de Fevereiro de 2017.

Considerações finais

Os aportes teóricos empregados nessa pesquisa são frutos da ampliação do conceito de fonte histórica. Desde a Primeira Geração dos Annales, tornou-se possível a utilização de fontes variadas no âmbito da pesquisa histórica. O papel questionador do historiador também se torna importante nas formas de apreciação da fonte, que devem ser compreendidas como leituras e discursos preenchidos por interesses articulados a poderes institucionais, fenômenos históricos e percepções que cada personagem social produz sobre a sua realidade. Assim, a riqueza de detalhes encontrada nas fontes primárias, como jornais, criou-se um estímulo em ampliar o horizonte historiográfico, através de uma perspectiva que articule a História da Saúde à História Social. Procurou-se unir e contrapor as fontes documentais e as referências historiográficas fragmentadas para dar corpo a um estudo que permita compreender os usos dos banhos de mar em seus mais diversos aspectos, pois este costume carregou consigo vivências, sensibilidades e tensões sociais de um tempo marcado pelo “novo” na cidade do Recife.

A articulação entre médicos e Estado, vigente no século XIX, propiciou os cuidados com a saúde e higiene pública, bem como a preocupação de “embelezar” e “civilizar” as cidades. Alinhados a esse quadro social, os avanços da medicina permitiram a descoberta sobre o uso dos banhos de mar no combate a diversos males.

Assim, as concepções higienistas eram assimiladas pela sociedade, ou por parte dela, no Recife, as virtudes das águas do mar também passaram a ser assimiladas por outras categorias sociais alheias à arte de curar, que além de aprender, encarregavam-se de reproduzi-las e divulgá-las em diferentes linguagens. Infere-se desse modo que a saúde e a higiene estavam

solidamente articuladas à construção do ideal de modernidade, progresso e civilização.

Referências

- ALMEIDA, Aline Barreto de; OLIVEIRA, Ana Maria Braga de; ARAÚJO, Emanuelle Torquato de Bezerra; GUEDES, Tâmara Albuquerque Leite; CÁRDIA, Maria Cláudia Gatto. *Talassoterapia*. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2004.
- ANNAES DA MEDICINA PERNAMBUCANA (1842-1844), 1977. Estudo introdutório do Prof. Leduar de Assis Rocha. Recife: Secretaria de Educação e Cultura.
- ARAÚJO, Édson Augusto Leôncio de. *Ritmos e ritos da cidade: modernidade e modernização em Limoeiro-PE, 1880-1950*. 2014. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.
- ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *A vida ao ar livre: os banhos de rio, de mar e de sol*. CLIO. Série História do Nordeste (UFPE), v. 2, p. 155-184, 2007.
- ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa. *Cultura da praia: urbanização, sociabilidade e lazer no Brasil, 1840- 1940*. *Acta Científica XXIX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales de Chile*. p.1-8. 2013. Disponível em: <http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT23/GT23_deCassiaBarbosa.pdf>.
- ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *As praias e os dias: história social das praias do Recife e de Olinda*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007.
- ARAÚJO, Silvera Vieira De. *Entre o poder e a ciência: história das instituições de saúde e de higiene da Paraíba na Primeira República (1889-1930)*. 2016. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Recife, 2016.
- FARIAS, Gomes Rosilene. *Epidemia e poder no Recife Imperial*. CLIO: Revista de Pesquisa Histórica, nº. 34.1. UFPE, Recife: Editora Universitária, 2016.
- FARIAS, Gomes Rosilene. *Epidemia e sociedade no Recife Imperial*. Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011.
- FREITAS, Joana Gaspar de. *O litoral português, percepções e transformações na época contemporânea: de espaço natural a território humanizado*. *Revista de Gestão Costeira Integrada - Journal of Integrated Coastal Zone Management*, vol. 7, núm. 2, 2007, pp. 105-115.
- GAMEIRO, Fernanda Isabel Jorge. *A oferta de Talassoterapia em Portugal*. Dissertação de Mestrado em Turismo de Saúde e Bem-Estar, Escola Superior de Hotelaria do Estoril, 2011, p.39.
- LEITÃO, António Martins de Elvas. *Climas sob o ponto de vista hygienico e therapeutico*. Porto: Typographia Occidental, 1877, prólogo.
- LUBAMBO, Cátia Wanderley. *Bairro do Recife: entre o Corpo Santo e o Marco Zero*. Recife-PE. CEPE/Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1991.

- MACHADO, Gisele Cardoso de Almeida. *A difusão do pensamento higienista na cidade do Rio de Janeiro e suas consequências espaciais*. XXVI Simpósio Nacional de História, 2011.
- MACHADO, Helena Cristina Ferreira. *A Construção Social da Praia*. *Sociedade e Cultura 1*, Cadernos do Noroeste, Série Sociologia Vol. 13 (1), 2000, p. 201-218.
- MACHADO, Maria Rita Ivo de Melo; ANDRADE, Manoel Correia de. *As transformações espaciais e territoriais do bairro de Apipucos na cidade do Recife – PE: uma contribuição geográfica aos conceitos de espaço e território*. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo.
- MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Diário de Pernambuco: Economia e Sociedade no 2º Reinado*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996.
- MELO, Victor Andrade de. *O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX*. Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 23, p. 41-60, 1999.
- NORTON, Luiz. *A corte de Portugal no Brasil; (notas, alguns documentos diplomáticos e cartas da imperatriz Leopoldina)* / Luiz Norton 1ª ed. Ilus.— São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. – (Coleção Brasileira).
- PARAHYM, Orlando. *Traços do Recife: ontem e hoje*. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1978.
- RIAL, Carmen Silvia. *O Mar de Dentro: a transformação do Espaço Social na Lagoa da Conceição*. 1988. Dissertação de Mestrado. PPGAS/ UFRGS. 1988.
- ROCHA, Artur G. G. de L. *Discursos de uma Modernidade: as transformações urbanas na freguesia de São José (1860-1880)*. 2003. Dissertação (Mestrado). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Recife. UFPE, 2003.
- STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização: ensaios*; tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- ZUCCONI, Guido. *A cidade do século XIX*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

Artigo recebido em 15/06/2020 e aprovado em 12/08/2020.